



## O Jornalismo Literário de David Remnick em perfis de políticos internacionais publicados na revista *New Yorker*

Júlia Cafruni Molina<sup>1</sup>  
Roberto Villar Belmonte<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta os resultados de pesquisa monográfica de conclusão de curso sobre o estilo do jornalista David Remnick escrever perfis de políticos internacionais. Foram analisadas as versões em português dos perfis de Vladimir Putin, Al Gore e Tony Blair. A análise de conteúdo utiliza sete categorias, criadas após revisão da literatura disponível sobre Jornalismo Literário. São elas: humanização do personagem, reconstrução de cena, dedução de sentimento, imersão, reconstrução do diálogo, uso de aspas e retomadas. A pesquisa sugere que o atual editor da revista *New Yorker* faz uso de todos estes elementos do Jornalismo Literário, com destaque para a técnica de imersão dentro das histórias apuradas.

**Palavras-chave:** Jornalismo Literário; perfis jornalísticos; análise de conteúdo; revista *New Yorker*; David Remnick.

### 1. Introdução

A fim de, primeiramente, revisar a bibliografia do Jornalismo Literário<sup>3</sup> para, então, aprofundar o conhecimento relacionado ao gênero e, posteriormente, capacitar a identificação dos elementos literários utilizados pelo JL em reportagens de fôlego, a pesquisa visa compreender a estruturação de perfis jornalísticos publicados na *The New Yorker*<sup>4</sup>. O estudo tem como objetivo geral compreender como David Remnick – editor-chefe da revista – utiliza as técnicas do JL na construção de perfis de políticos internacionais publicados na *New Yorker*.

Para a pesquisa, a metodologia escolhida foi a análise de conteúdo para categorizar os elementos do JL e utilizar as categorias na análise de conteúdo dos perfis jornalís-

---

1 Jornalista com interesse na área de pesquisa em Jornalismo Literário. Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter)

2 Orientador do trabalho. Professor de Jornalismo no Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter)

<sup>3</sup> Jornalismo Literário será abreviado como JL neste artigo.

<sup>4</sup> O nome da revista é *The New Yorker*, mas neste artigo ela será apresentada somente como *New Yorker*.

ticos. Depois de revisar a bibliografia do gênero, foi possível criar sete categorias para auxiliar na compreensão do estilo Remnick de fazer perfis: humanização do personagem, reconstrução de cena, dedução de sentimento, imersão, reconstrução do diálogo, uso de aspas e retomadas.

Nesta pesquisa, o primeiro passo foi estudar os maiores especialistas no gênero encontrados no Brasil, entre eles estão Monica Martinez (2016), Sergio Vilas-Boas (2003; 2008; 2011; 2012; 2014), Edvaldo Pereira Lima (2003; 2004) e Rogério Borges (2013). Em seguida, foi feita uma linha do tempo para contar um pouco da trajetória da *New Yorker* com base nos autores Yagoda (2000) e Salles (2003; 2006). Como Remnick utiliza técnicas do JL na construção de perfis de políticos internacionais publicados na *New Yorker*? Este é o problema que mobiliza esta pesquisa.

## 2. Jornalismo Literário

O Jornalismo Literário é um gênero nascido do próprio Jornalismo e pode ser reconhecido também como Literatura da realidade, Literatura de não ficção ou *creative non-fiction*. O JL é uma filosofia de aprofundamento que usa como base as técnicas literárias vindas exclusivamente da Literatura (VILAS-BOAS, 2003). Seu principal diferencial, portanto, é justamente a fuga das fórmulas rígidas de estruturação do jornalismo convencional – que, caracterizam-se, principalmente, pelo *lead* e pirâmide invertida<sup>5</sup>.

A imersão do jornalista é utilizada para que haja uma apuração profunda de dados. Partindo disto, a estruturação do texto é composta pela descrição cena a cena, diálogos, imagens, humor, ironia, e, principalmente, a humanização dos personagens (LIMA, 2004). Os detalhes minuciosamente bem descritos, as idas e vindas no tempo cronológico e a interação entre personagens fazem parte da construção das reportagens literárias. Para Vilas-Boas (2008), a intenção final do estilo é a união das duas áreas: a arte, dentro do ramo da Literatura e a escrita, no Jornalismo, que são as reportagens.

Vilas-Boas (2003) defende a subjetividade nas reportagens: as experiências de cada profissional provocam diferentes e individuais reações e julgamentos em cada pessoa. “Impossível que as experiências pessoais de um repórter não se confundam com a

---

<sup>5</sup> *Lead*: o que, quem, quando, por que, como e onde – perguntas fundamentais que as matérias tradicionais precisam responder no primeiro parágrafo do texto. Pirâmide invertida: iniciar a reportagem pelo tema principal.

temática que estiver trabalhando” (VILAS-BOAS, 2003, p. 13). Outra técnica necessária ao JL é a habilidade de observação, segundo Martinez (2016), Vilas-Boas (2014) e Salles (2006). Ela é considerada uma prática indispensável para os narradores.

O JL não pode ser confundido com texto bonito, porque beleza não encobre defeitos como pobreza de pesquisa e conteúdo, já que sua principal característica é a apuração intensa de informações (VILAS-BOAS, 2012). O “texto bonito” que o público costuma identificar no JL é justamente este empréstimo literário.

O estilo literário tem características bem presentes: a humanização do personagem - bastante utilizada por Vilas-Boas em seus perfis e, também, por John Hersey, no clássico *Hiroshima*; a construção de cena - definida por Tom Wolfe, em 1973, para contar a história a partir das cenas assistidas; os diálogos - também conforme Wolfe, onde facilita o envolvimento do leitor com a história; o fluxo de consciência – técnica polêmica e usada com bastante cautela entre os profissionais; a imersão – maior recurso literário dentro do Jornalismo e realçado pelos autores Lima (2003) e Vilas-Boas (2014).

As reportagens de fôlego que aplicam essas técnicas partem da premissa de que os jornalistas (autores) querem aproximar o leitor das histórias contadas nas páginas impressas. Com estratégias bem pensadas e construídas, as pessoas são induzidas a participar dos enredos e acabam por entrar dentro das mentes dos personagens. Dessa forma, é possível despertar uma reflexão no público e identificação pessoal neles. Vilas-Boas (2011) explica que histórias onde as pessoas se enxergam tendem a ser melhor aceitas. Essas matérias são: “[...] hipnotizantes, aquelas que nos fazem esquecer o pão dentro da torradeira, no café da manhã, perder o ônibus ou dilatar nossa ida ao banheiro durante o horário de trabalho” (VILAS-BOAS, 2003, p. 12).

Vale lembrar, em meio à roteirização dos enredos investidos nos textos jornalísticos literários, que não há invenção de fatos. O fato do Jornalismo Literário buscar nos recursos literários uma maneira de expressar com estética, apuração e rompimento de barreiras do tradicional não significa que ele ignora o compromisso jornalístico com a veracidade.

O JL preserva a importância de prestar um serviço relevante à sociedade, e existe com o propósito de cumprir a função educativa ao público. Beneficiar-se dos recursos literários é uma maneira inteligente de valorizar e enaltecer o Jornalismo.

## 2.1 Perfil jornalístico

O Jornalismo Literário abrange distintas narrativas, como reportagens temáticas, narrativas de viagem, biografias, ensaio pessoal entre outros (LIMA, 2003). Mas, especificamente aqui, tratamos de uma das formas mais clássicas: o perfil jornalístico. Com mais de um século de vida, os perfis começaram a aparecer em periódicos, onde personalidades eram retratadas no mundo das artes, políticas, esportes e negócios (VILAS-BOAS, 2014).

O termo perfil sempre é associado à *New Yorker*. A revista não o inventou, mas introduziu-o na linguagem jornalística e elevou a narrativa curta à condição de arte (MARTINEZ, 2016). E, posteriormente, a *New Yorker* consagrou-se como a grande precursora do gênero perfil, pelo espaço oferecido a estas narrativas. Segundo Salles (2006), a revista criou dois ramos: perfis de personagens anônimos e a dos célebres e poderosos. Depois da *New Yorker*, finalmente, a partir de 1930, “jornais e revistas começaram a apostar na ideia de retratar figuras humanas jornalística e literariamente” (VILAS-BOAS, 2003, p. 22).

Martinez (2016) apresenta os perfis como uma compreensão humana que facilitam a compreensão das pessoas: “A palavra biografia contém um vasto aporte de reflexões sobre a arte de registrar, por meio da escrita, histórias humanas. Para começar, ela principia com *bio*, do grego *bios*, que significa vida” (MARTINEZ, 2016, p. 85-86).

O termo biografia aparece em vários ramos de conhecimento científico. Na Sociologia e Antropologia, o método biográfico é visto como uma denominação de histórias de vida (MARTINEZ, 2016). Na Literatura, a biografia ganha vida com narrações oral, escrita ou visual e dedica-se a fatos particulares de várias fases na vida do personagem perfilado. Vilas-Boas (2003) diz que nem tudo que é biográfico é biografia. Por exemplo, em biografias, é necessária uma abordagem bastante detalhista sobre a vida do perfilado. Já em perfis biográficos, o foco são momentos distintos do personagem.

O autor ainda ressalta que existem duas características primordiais que definem os perfis jornalísticos: durabilidade e narratividade. “Mesmo que meses ou anos depois da publicação o protagonista tenha mudado suas opiniões, conceitos, atitudes e estilo de vida, o texto pode continuar despertando interesses. Quanto à narratividade, ela se ex-

pressa por uma estruturação bem calculada e uma escrita predominantemente reflexiva” (VILAS-BOAS, 2014).

Os perfis elucidam e contam a vida em um determinado instante. Eles atacam reflexões nas pessoas “sobre aspectos universais da existência, como vitória, derrota, expectativa, frustração, amizade, solidariedade, coragem, separação, etc.” (VILAS-BOAS, 2014). Já Lima (2003) define que, nos perfis, o objetivo é traçar um retrato detalhado do personagem:

Nos melhores casos, intuitiva ou conscientemente, os bons autores de perfis fazem uma leitura dos personagens que revelam características psicológicas e comportamentais importantes, além dos aspectos mais concretos do que fazem e como vivem. Expõem, assim, a complexidade real típica de uma vida humana, rompendo os estereótipos limitantes que normalmente camuflam as pessoas nos veículos de comunicação de massa (LIMA, 2003).

Para Vilas-Boas (2014), os perfis humanizam os personagens. E, para isso, é preciso fugir do ideal da perfeição e evitar maniqueísmos. Seres humanos são totalmente imprevisíveis.

Se a individualidade fosse banida do mundo e os humanos não passassem de robôs programáveis, sem estilo nem identidade, o texto do tipo perfil simplesmente não existiria. O perfil expressa a vida em seu contexto. Atém-se à individualidade, mas não se restringe ao individualismo anedótico, folclórico, idiosincrático (VILAS-BOAS, 2014).

Dar voz à sociedade através do JL é uma maneira de instigar a curiosidade e o senso crítico nas pessoas. É neste cenário que o Jornalismo ensina os cidadãos a questionar. São os jornalistas que interpretam essas ideias e as levam ao público geral. Um perfil jornalístico é um trabalho de extremo valor e de grande responsabilidade do profissional encarregado de escrevê-lo.

### 3. *New Yorker*

Em Nova Iorque, no meio da cidade com cerca de 8,5 milhões e habitantes<sup>6</sup>, localiza-se<sup>7</sup>, no 38º andar do *One World Trade Center*, a redação da revista de Jornalismo Literário mais renomada do mundo: a *New Yorker*. Desde 1925, a publicação gera conteúdo do cotidiano nova-iorquino de forma bem humorada, dentro de um cenário ilus-

---

<sup>6</sup> Fonte: < <http://www.city-data.com/city/New-York.html>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

<sup>7</sup> Fonte: < <https://www.theguardian.com/media/2015/oct/25/new-yorker-david-remnick-radio-show#img-1>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

trativo que dá liberdade aos jornalistas para desenvolver pautas inusitadas, que acabam por dar voz aos cidadãos comuns do mundo. Da editora Condé Nast, a revista circula semanalmente entre mais de um milhão de assinantes e outros 35 mil<sup>8</sup> exemplares que são vendidos avulso.

Com classe, a revista mistura um padrão de excelência nas pautas relacionadas à política, negócios, tecnologia, cultura, arte, humor, ficção, poesia, quadrinhos e as famosas ilustrações. Os cenários apresentados nela são colocados como histórias romaneadas – para prender a atenção do leitor do início ao fim - e variam dentro do mundo cotidiano com assuntos englobando o mundo todo ou mesmo as inusitadas histórias de desconhecidos.

Seu fundador, Harold Ross, permaneceu como editor-chefe até sua morte em 1951. Ao longo dos anos em que esteve à frente, desenvolveu e aprimorou os valores reconhecidos até hoje dentro do periódico. Pouco antes da estreia da primeira edição, em 21 de fevereiro de 1925<sup>9</sup>, Ross descreveu em uma carta a futuros investidores, o processo e a linha editorial que a *New Yorker* seguiria.

The New Yorker dedicará várias páginas por semana para cobertura de eventos contemporâneos e assuntos de interesse geral. Isso será feito por escritores capazes de apreciar os elementos de uma situação e, em organizar em uma linguagem que mostre a importância e significado daquilo. The New Yorker irá apresentar a verdade e toda a verdade sem medo e sem favorecer, mas não será iconoclasta. (ROSS, 1924 apud YAGODA, 2000, p. 38, tradução nossa)<sup>10</sup>

E, dando às boas-vindas pós-lançamento, Ross celebrou o início de uma nova jornada na filosofia da revista:

New Yorker começa com uma declaração de uma proposta séria, mas com uma declaração concomitante de que não será séria demais ao executá-la. A revista espera refletir a vida metropolitana, manter-se por dentro dos eventos e de assuntos atuais, ser alegre, humorística, satírica, mas, mais do que uma revista boba. Publicará fatos que exigirão investigações por trás das cenas, mas não vai tratar de escândalos pela simples procura de escândalos ou vai buscar o sensa-

---

<sup>8</sup> Fonte: Editora Condé Nast . < <http://www.condenast.com/brands/new-yorker>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

<sup>9</sup> A capa da primeira edição da revista é a mais célebre e lembrada de todas. A ilustração de Rea Irwin é um personagem vestido com cartola que está observando uma borboleta com um monóculo. O personagem foi intitulado de Eustace Tilley e ficou mundialmente conhecido.

<sup>10</sup> Do original: “The New Yorker will devote several pages a week to a covering of contemporary events and people of interest. This will be done by writers capable of appreciating the elements of a situation and, in setting them down, of indicating their importance and significance. The New Yorker will present the truth and the whole truth without fear and without favor, but it will not be iconoclastic” (ROSS, 1924 apud YAGODA, 2000, p. 38).

cional pelo puro sensacionalismo. Conscientemente, tentará manter os leitores informados sobre o que está acontecendo dentro das áreas que eles mais têm interesse. (ROSS, 1925, p. 2, tradução nossa)<sup>11</sup>

Hoje, as principais editorias de destaque da *New Yorker* que preservam o padrão literário e sofisticado são: *Covers, Cartoons, Poetry, Goings on about Town, The talk of the Town, Fiction, The Critics, Profiles, A repórter at large, Letter from, The political scene e Shouts & Murmurs*.

Um ponto de destaque da revista e das eras Ross-Shawn era o fato de que os escritores jamais eram pautados (SALLES, 2003). Não haviam pesquisas de opinião. Os dois ex-editores acreditavam que a força da revista residia na capacidade de surpreender os leitores, para que não soubessem o que iam encontrar nas páginas. A *New Yorker* também era – e ainda é - dona de características exclusivas. Ela é responsável por abrigar os quatro predicados essenciais para a prática do JL: tempo (apuração e produção); espaço (reportagens grandes podiam ser publicadas em uma ou mais edições); apoio financeiro e liberdade editorial - isso significa que, mesmo projetos demorados demais, o salário ainda estaria lá, todo mês (SALLES, 2003).

O segundo editor da revista, depois da longa trajetória de Ross, foi William Shawn<sup>12</sup>, que assumiu o comando em 1952 e ficou até 1987. Foi Shawn quem investiu em Jornalismo. Ele investiu pesado nos repórteres em quesitos de estadias, salários, passagens, para que os profissionais pudessem produzir materiais o mais completo possível (WESCHLER, 1993 apud PINHEIRO, 2007, p. 18).

Seu reinado estava chegando ao fim quando a família Fleischmann<sup>13</sup> vendeu os direitos da *New Yorker* para a *Advance Publications*. Sob pressão, em 1987, Robert Gottlieb assumiu o cargo de editor-chefe. O novo patrão não valorizava o Jornalismo e

---

<sup>11</sup> Do original: “*The New Yorker starts with a declaration of serious purpose but with a concomitant declaration that it will not be too serious in executing it. It hopes to reflect metropolitan life, to keep up with events and affairs of the day, to be gay, humorous, satirical but to be more than a jester. It will publish facts that it will have to go behind the scenes to get, but it will not deal in scandal for the sake of scandal not sensation for the sake of sensation. It will try conscientiously to keep its readers informed of what is going on in the fields in which they are most interested*” (ROSS, 1925, p. 2)

<sup>12</sup> Apesar de só ter virado editor-chefe em 1952, Shawn já fazia parte da redação desde 1933, quando começou como repórter freelancer na editoria *Talk of the Town*.

<sup>13</sup> Harold Ross lançou o projeto da revista junto a Raoul Fleischmann. Ele era o responsável pela parte financeira e ocasionalmente até contribuiu com algumas publicações. Seu filho, Peter Fleischmann, entrou em seu lugar, após sua morte, em 1969. Fonte: <<http://www.newyorker.com/about/a-new-yorker-timeline>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

focou muito mais em assuntos relacionados à cultura. Ele até fez a seguinte declaração: “não sou jornalista e nem gosto de Jornalismo” (SALLES, 2006, p. 569).

Em 1992, Gottlieb deu adeus ao cargo e Tina Brown deu as boas-vindas a alguns anos de festa: as maiores mudanças editoriais na revista ocorreram sob o comando dela. Os textos diminuíram, os jornalistas passaram a serem pautados com assuntos atuais, e, principalmente, pela primeira na história da *New Yorker*, o uso de fotografia foi adotado. A *New Yorker* passou de exclusividade ilustrativa para comercial. Isso durou cinco anos, quando Brown desistiu e foi para Hollywood fundar uma revista que fracassou (SALLES, 2006).

O quinto e último – até então – editor-chefe da *New Yorker*, é David Remnick. Desde que assumiu, em 1998, já venceu vários prêmios, incluindo um Pulitzer. Ele é o autor das reportagens analisadas nesta pesquisa.

### 3.1 David Remnick

Aos 40 anos de idade, David Remnick foi desafiado a assumir uma das revistas mais renomadas do mundo. Com o intuito de resgatar os antigos conceitos de sofisticação e literariedade das eras Ross-Shawn, Remnick embarcou nesta nova jornada.

Até sua estreia na revista, o jornalista tinha se tornado especialista em três assuntos: Oriente Médio, Rússia e Boxe. Através do seu cargo de repórter no *The Washington Post*, virou correspondente internacional em Moscou, o que deu abertura para desbravar as áreas inabitadas que nenhum outro profissional teve o interesse de explorar. Dessas experiências, nasceu seu primeiro livro, vencedor do Pulitzer, em 1993, *Lenin's Tomb*.

Desde o momento em que entrou na revista depois de um convite de Gottlieb para escrever sobre a Rússia, em 1992, Remnick já havia alimentado as publicações com mais de 100 trabalhos. Quando assumiu a posição de editor-chefe, a revista voltou ao seu clássico DNA (SALLES, 2006). Sob seu comando, a *New Yorker* recebeu 149 indicações para o *National Magazine Awards*, sendo premiada 37 vezes.

## 4. Aspectos Metodológicos

A metodologia de análise desta pesquisa é a análise de conteúdo, que se caracteriza, principalmente, como uma forma de descrever e classificar produtos, gêneros e



formatos jornalísticos. O método trabalha com categorias (HERSCOVITZ, 2010). Os objetos empíricos aqui analisados foram retirados do livro *Dentro da Floresta: perfis e outros escritos da revista The New Yorker*<sup>14</sup>, de David Remnick. As três reportagens estudadas são: Blues pós-imperiais: Vladimir Putin (texto 1); A campanha do ostracismo: Al Gore (texto 2); e A campanha do masoquismo: Tony Blair (texto 3). Os indicadores de cada uma das sete categorias de análise criadas são:

Humanização do personagem (HP): quando o autor humaniza seus personagens descrevendo expressões faciais, linguagem corporal, comportamento, modo de vestir e falar, sua maneira de lidar com outras pessoas.

Reconstrução de cena (RC): bastante utilizada por John Hershey em *Hiroshima*, funciona para descrever ambientes que o autor percorreu ao longo da apuração das reportagens. São espaços externos e internos presenciados por Remnick.

Dedução de sentimento (DS): os sentimentos do entrevistado são interpretados pelo autor através de expressões faciais e emoções.

Imersão (I): é identificada nos perfis quando Remnick utiliza a primeira pessoa do singular para descrever algum momento específico na história. Sua imersão também é percebida em entrevistas com as fontes, quando ele deixa explícita sua presença.

Reconstrução do diálogo (RD): conversas entre duas pessoas ou mais pessoas – entrevistador/entrevistado ou entrevistado/outra pessoa. Os diálogos são identificados pela sequência das falas uma abaixo da outra, entre aspas ou travessão.

Uso de aspas (UA): é usada para transcrever, literalmente, longas falas das fontes. As citações são grandes parágrafos reescritos entre aspas.

Retomadas (R): uma das informações centrais sobre o perfilado é retomada diversas vezes ao longo do perfil a fim de enfatizar a importância do tema dentro do texto.

## 5. Análise

Na primeira categoria, Humanização do personagem (HP), ela caracteriza-se, principalmente, pelas expressões faciais e linguagem corporal dos perfilados. Há, tam-

---

<sup>14</sup> A obra foi publicada em 2006 no Brasil e é uma coletânea de 23 textos do editor para a revista. Cinco temas foram tratados no livro: poder, literatura, Rússia, Israel e boxe.

bém, humanização quando os personagens apresentam sentimentos. Como exemplo a unidade de registro a seguir, retirada do texto 1, quando o editor da *New Yorker* faz questão de descrever as expressões de seu perfilado diante de determinadas circunstâncias da vida: “Quando Sobchak morreu de outro ataque cardíaco, três anos mais tarde, **Putin chorou** durante o funeral. ‘Ele não morreu de causas naturais’, disse ele a Narusova”. Quando Remnick infantiza que Putin chorou, ele o humaniza, mesmo que o tenha apresentado, ao longo de todo o perfil, como um político autoritário. Apesar de ser descrito como duro, sério e olhar vago, Putin também sente. Este tipo de ação mostra a complexidade do perfilado.

No texto 2, há um maior contato entre Al Gore e Remnick, o que facilita compreender com mais intimidade as particularidades dele. Em um momento de aproximação, na unidade de registro abaixo, Remnick utiliza um apelido para Al Gore, chamando-o de “Senhor Pateta”. Isso demonstra que o autor teve contato suficiente com o perfilado para que pudesse interpretar o modo de agir dele e pôde criar nomes para as características de sua personalidade. Essa proximidade propicia aos leitores uma chance de realmente imaginar a voz de Gore.

Gore disse a última frase em um tom que passei a chamar de **sua voz de Senhor Pateta**. Quando quer diminuir o impacto de alguma coisa que esteja dizendo, para indicar que sabe que está falando um clichê ou que está usando um tom pomposo ou uma voz mais firme, ele usa a voz do **Senhor Pateta, retorcendo o rosto em uma expressão desajeitada e fingindo um tom mais adequado a um dinossauro de um programa de televisão**. E tem também a voz do **Herr Professor, que é Gore como palestrante**.

Já a Reconstrução de cena (RC), utilizada para descrever os espaços visitados pelo autor, funciona como uma maneira de transportar o leitor até o local que está sendo reconstruído. Esta é outra maneira de aproximar o público (uma das características do JL: ligar o público à história). Como no exemplo a seguir, do texto 1, uma meticulosa narração de uma viagem que transporta o leitor para dentro do trem: “O **trem diminuiu a velocidade**. Os subúrbios de Leningrado, e em seguida os **fantasmagóricos prédios de apartamentos da periferia**, começaram a aparecer. Com um **solavanco**, chegamos. A Estação Finlândia. **As portas se abriram com o som de um beijo de borracha**. O ar que entrou rapidamente estava **úmido e frio e cheirava a fumo barato**”.

A RC exerce também outras funções além da aproximação. No caso da próxima unidade de registro, recortada do texto 2, com a simples descrição de cena, o autor contextualiza o título da reportagem (“Campanha do ostracismo”). Assim, o escritor dispensa a obrigação de informar a realidade de que o político está no ostracismo: “Em sua casa em Nashville, **o telefone tocava poucas vezes. Não havia ninguém** da equipe, nem assessores **à sua volta**”.

A Dedução de sentimento (DS) exige observação com disciplina e cautela<sup>15</sup>. A proximidade de Remnick com o personagem Blair, no texto 3, faz toda a diferença e fica bem evidente nesta unidade de registro: “O primeiro-ministro balançava a cabeça **com ar de quem estava distante. Nuvens baixas de preocupação envolviam-no**”. O escritor consegue notar a mudança no semblante de Tony Blair conforme o primeiro-ministro vai deixando-se levar pela aflição. E o autor repara essa variação de sentimentos por conta da sua habilidade de observação. Ao acompanhar o personagem, Remnick consegue, quase que literalmente, ver as as nuvens baixas de preocupação.

A Imersão (I) é a categoria mais indispensável porque é ela que possibilita a existência de todas as outras. Pelo menos nos perfis de Remnick é essencial. A imersão funciona de diversas formas para o autor: primeiro, quando ele escreve na primeira pessoa do singular para enfatizar sua presença em entrevistas ou encontros, por exemplo. Esta técnica também pode ser percebida como sua principal ferramenta de trabalho. As histórias só podem ser contadas quando ele está imerso na realidade daquele personagem, seja na casa de Gore para viver o dia a dia, ou participando de programas em que Tony Blair é o convidado principal. Sua maestria na observação só tem bons resultados com o mergulho completo dele na pauta. Um exemplo de sua imersão, encontrada no texto 1, está nesta unidade de registro:

“A visita ao museu” é uma história mergulhada na nostalgia do exílio. Agora, quando **volto** a Moscou, **eu me pego** pensando que esse estado de desorientação temporal, até mesmo histórica, também se assemelha a uma qualidade dentro da Rússia, dos russos. Doze anos depois do colapso do comunismo e da própria União Soviética, os russos vivem em um estado de disjunção e simultaneidade históricas. Os coqueques que **gastei** na Estação Finlândia não estão mais em circulação; o número de leitores do *Pravda* caiu de 9 milhões para 100 mil; em algumas cidades, muitos nomes de ruas que estão no mapa foram mudados

---

<sup>15</sup> Pelo cuidado do autor com seu uso, esta categoria apenas aplica-se nos perfis de Al Gore e Tony Blair. Na reportagem de Vladimir Putin não houve encontros entre perfilado-autor.

para nomes novos ou voltaram a ter os nomes pré-revolucionários; em outras, as ruas ainda se chamam Lênin, Trabalho, Bandeira Vermelha.

E, na próxima unidade, Remnick dá uma sutil opinião. Com sua imersão dentro da política britânica ao acompanhar Blair, ele interpreta o que vê: “**Acompanhar** a política britânica nessas últimas semanas, **assistir à campanha** de Blair por um terceiro mandato - o Dia das Eleições é 5 de maio - é testemunhar um político colocando-se diante de qualquer público, de qualquer câmera, de qualquer um que fale com ele”.

Já a categoria Reconstrução do diálogo (RD), muito usada na Literatura está presente no exemplo a seguir, recortado do texto 2, logo na abertura do perfil. Este diálogo parece simples e sem sentido, no entanto, revela a relação de Al Gore com seus empregados e a maneira formal como é tratado por eles, além de, é claro, apresentar aos leitores como é sua rotina matinal.

“Ei, Dwayne!... Dwayne!”  
“Sim, senhor vice-presidente?”  
“Poderia me trazer mais um pouco de café?”  
“Sim, senhor vice-presidente. Já estou indo...”  
“Obrigada, Dwayne.”

O Uso de aspas (UA) trabalha como uma espécie de atestado de veracidade para os textos de Remnick. Todas as citações redigidas por ele nos perfis dão segurança ao público. As informações são ditas por terceiros e enriquecem as reportagens. Nesta unidade de registro analisada, as aspas longas são usadas em um momento de desconstrução do personagem principal. Ele usa reproduz a opinião de ex-funcionários de Gore para explicar como é a relação do político com outras pessoas. Por ser um homem público, costuma-se achar que por natureza há uma facilidade para lidar com outros. Remnick informa que não é bem assim que acontece com seu perfilado.

Donna Brazile reclamou de nunca ter recebido sequer um “obrigado” pelos serviços que prestou em 2000, e muitos que haviam trabalhado para Gore ou dado quantias significativas para a campanha relataram experiências semelhantes. “Ele tratava as pessoas mal”, disse Robert Bauer, um dos assistentes de Gore durante a batalha na Flórida. “Era frio, indiferente, arrogante, ingrato. Há algumas histórias famosas sobre como algumas pessoas foram tratadas com ingratidão por ele. Há uma natureza estranha em Gore... Ele é um homem isolado.” Outros assistentes foram menos severos, dizendo que Gore era áspero e exigente, mas não insensível. Ainda assim, uma vez liberto dos mecanismos e das exigências de uma campanha política, ele realmente aproveitou seu tempo sozinho, pensando, lendo, escrevendo discursos e palestras, surfando pela internet. “Um aspecto do lado pessoal de Gore é que ele é um introvertido”, disse outro ex-assistente. “A política foi

uma péssima escolha de carreira para ele. Ele deveria ter sido professor universitário, ou cientista, ou engenheiro. Teria sido muito mais feliz. Ele acha extenuante ter que lidar com pessoas. Por isso tem problemas em manter o relacionamento com elas. A diferença clássica entre um extrovertido e um introvertido é que, se você manda um introvertido a uma recepção ou a um evento com outras cem pessoas, ele sairá de lá com menos energia do que quando entrou. Um extrovertido sai de um evento desses energizado, com mais energia do que tinha antes de entrar. Gore precisa de descanso depois de um evento. Clinton sairia revigorado, porque lidar com pessoas era natural para ele.”

A última categoria analisada, a das Retomadas (R), é utilizada pelo autor para dar ênfase no gancho da reportagem. O principal tópico de cada um dos três perfis é retomado várias vezes. No texto 1, por exemplo, a retomada é o autoritarismo de Putin, salientado tanto por Remnick como por fontes utilizadas na construção do perfil.

Putin não é um homem de imaginação ou brilho. Ele é austero, inteligente, competente, suavemente apazível - um **burocrata autoritário** lançado para a linha de frente na história.

Ele é ainda mais inatacável nas províncias. Na verdade, muitos jornalistas e intelectuais urbanos me contaram que acham Putin fraco, ou, com mais frequência, um **autoritário enrustido**, culpado por crimes de guerra na Chechênia e decidido a sufocar a dissidência e um Judiciário independente.

No texto 2, a categoria se aplica para ressaltar que Al Gore perdeu as eleições para presidência no ano de 2000. O assunto é repetido várias vezes de formas similares e, às vezes, sutis. Nesta primeira unidade abaixo, a retomada é reconhecida pela fala de Gore ao apresentar-se publicamente. Já na outra, o resgate é bem literal ao comentar “eleição de 2000”.

Quando começou a aparecer em público novamente, quase sempre em salas de aula, passou a se apresentar dizendo: “Oi, meu nome é Al Gore. **Eu costumava ser o próximo presidente** dos Estados Unidos”.

Depois que Al e Tipper Gore recuperaram-se do choque inicial da **eleição de 2000**, eles gastaram 2,3 milhões de dólares na casa em que moram agora: uma construção em estilo colonial de cem anos de idade no Lynwood Boulevard, na área de Belle Meade, em Nashville.

No texto 3, o gancho é a campanha do masoquismo para o terceiro mandato de Tony Blair. A campanha foi nomeada de “masoquista” por ser uma estratégia de desgaste para que o eleitorado “se canse” da raiva que sentem e votem em Blair. Essa desconfiança do povo se deve a sua cega devoção ao presidente americano, como demonstra a unidade de registro a seguir.

A **campanha do masoquismo** é um tipo de estratégia de desgaste: a ideia é que, por meio de constante exposição à gentil persistência de Blair, as suas lúcidas, ainda que padronizadas, explanações, o eleito-rado acabe se cansando de sua raiva e desconfiança contínuas - principalmente em relação ao apoio firme de Blair a George W. Bush - e chegue a admitir que os conservadores, sob o olvidável Michael Howard, têm pouco a oferecer além da disseminação do temor em relação a questões como imigrantes da Ásia e do Leste Europeu em busca de asilo, e que os democratas liberais e sua tendência política à esquerda ainda são um partido marginal na Câmara dos Comuns, promovendo, nas palavras de um assessor de Blair, “a ideologia dos ciclistas”.

Vale ressaltar que, para ter sucesso com todas estas técnicas, o jornalista precisa ter algum tipo de relação com o personagem. Este é o primeiro passo para que haja interação e que, de fato, o autor consiga transcrever em um perfil, as informações completas para que o público consiga se aproximar do perfilado. Apesar de a Imersão ter sido a categoria mais saliente na análise de conteúdo realizada, a junção de todos os recursos literários encontrados serve para construir a maior de todas as possibilidades do Jornalismo Literário: a humanização dos personagens.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alicerces do estilo Remnick de perfilar estão assentados na técnica da imersão. Seu estilo se caracteriza, principalmente, pelo uso intensivo de elementos literários em seus perfis jornalísticos, estudados, nesta pesquisa, em sete categorias: humanização do personagem, reconstrução de cena, dedução de sentimento, imersão, reconstrução do diálogo, uso de aspas e retomadas. A imersão permite o mergulho profundo do repórter na história que está apurando. O que significa que a técnica exige de Remnick a habilidade de observação. A imersão se mostra presente não só em encontros com o personagem, mas também nas entrevistas com funcionários, familiares e pessoas próximas ao perfilado, além de, é claro, a participação em atividades do cotidiano, e, sobretudo, no mergulho que Remnick consegue fazer dentro das intimidades do seu protagonista.

Nesta pesquisa, foi possível concluir que Remnick segue um padrão específico próprio. Este padrão é seu estilo e caracteriza-se pelo mergulho completo dentro da história e, posteriormente, no uso de sua habilidade de observação, a fim de poder descrever minuciosamente todos os detalhes que, além de enriquecer os perfis, funcionam co-

mo instrumentos para desbravar a personalidade dos perfilados. Os detalhes fazem toda a diferença para compreender as particularidades dos personagens e o saber observar torna-se essencial em seu uso para a construção de perfis jornalísticos.

## Referências

A New Yorker timeline. **The New Yorker**. <<http://www.newyorker.com/about/a-new-yorker-timeline>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010, 286 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. Narrativas que inspiram transformação. 2004. **Memória Portal ABLJ**. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/144-narrativas-que-inspiram-transformacao>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. Barueri, SP: Manole, 2004, 371 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. Verbetes elaborados por Edvaldo Pereira Lima: Jornalismo Literário. 2003. **EPL**. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/conceitos>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. Verbetes elaborados por Edvaldo Pereira Lima: Perfil. 2003. **EPL**. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/conceitos>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário: tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016, 452 p.

MOLINA, Júlia Cafruni. **Jornalismo Literário na The New Yorker: perfis de políticos internacionais de David Remnick**. 2017. 124 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social do Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, 2017.

PINHEIRO, Luís Bulcão de Lima. **The New Yorker: o encontro do jornalismo com a literatura**. 2007. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SALLES, João Moreira. O homem que escutava [posfácio]. In: MITCHELL, Joseph. **O segredo de Joe Gould**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 157 p.

SALLES, João Moreira. Ouvido, instinto e paciência [posfácio]. In: REMNICK, David. **Dentro da Floresta: perfis e outros escritos da revista The New Yorker**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 575 p.

VILAS-BOAS, Sergio. Arte do perfil. **Sergio Vilas-Boas**, 28 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.sergiovilasboas.com.br/a-arte-do-perfil/>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

VILAS-BOAS, Sergio. Jornalismo e literatura. **Sergio Vilas-Boas**, 14 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.sergiovilasboas.com.br/jornalismo-literatura/>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

VILAS-BOAS, Sergio. Jornalismo narrativo [1]. **Sergio Vilas-Boas**, 03 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.sergiovilasboas.com.br/jornalismo-narrativo-1/>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

VILAS-BOAS, Sergio. Jornalismo narrativo [2]. **Sergio Vilas-Boas**, 11 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.sergiovilasboas.com.br/jornalismo-narrativo-2/>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003, 162 p.

YAGODA, Ben. **About Town: The New Yorker and the world it made**. Cambridge, Massachusetts: Da Capo Press, Cambridge, 2000. 478 p.